

CEDI - P. I. B.  
DATA 13 / 02 / 86  
COD. ZED00001

VISITA NA A.I. CUMINAPANEMA/URUKURIANA

Primeiro Relatório da Pesquisa Etnoló-  
gica entre os Tupi do Cuminapanema

Dominique Tilklin Gallois

Luís Donisete Benzi Grupioni

Departamento de Antropologia - USP

VISITA NA AI CUMINAPANEMA/URUKURIANA

Primeiro Relatório da Pesquisa etnológica entre os Tupi do  
Cuminapanema

Dominique Tilkin Gallois

Luís Donisete Benzi Grupioni

Departamento de Antropologia / USP

Dezembro de 1989

## Sumário

1. Estadia na área Tupi do Cuminapanema.....	1
2. Caracterização sócio-cultural do grupo Tupi do Cuminapanema..	2
- Língua.....	3
- Autodenominação / etnônimos.....	4
- Localização.....	5
- População.....	6
- Atividades de subsistência.....	8
3. Versões sobre os primeiros contatos.....	10
- O IDESP reivindica a descoberta.....	10
- A NNTB promove o contato.....	10
- Atuação da CII/FUNAI.....	14
4. Atuação das agências de assistência.....	16
- A guerra FUNAI/NNTB.....	16
- Técnicas de contato.....	17
- A questão da saúde e as intervenções em curso.....	19
- Dados preliminares sobre as epidemias.....	20
- Distribuição de brindes, alimentos e remédios.....	21
- Da subnutrição à transferência.....	23
5. Considerações finais.....	25
- Retirada da NNTB.....	25
- Programa de atenção permanente à saúde.....	25
- Continuidade da pesquisa antropológica.....	26
Notas.....	27
Anexos	
Croquis das aldeias.....	28
Censo.....	30
Vocabulário Tupi do Cuminapanema.....	34

VISITA NA AI CUMINAPANEMA/URUKURIANA

Primeiro Relatório da Pesquisa etnológica entre os Tupi do  
Cuminapanema  
Dezembro 1989

Dominique Tilkin Gallois  
Luís Donisete Benzi Grupioni

Departamento de Antropologia / USP

1.

ESTADIA NA AREA TUPI DO CUMINAPANEMA

De acordo com a autorização de pesquisa APL 89/0142/991 de 15.08.89 e conforme entendimentos com a Coordenadoria de Índios Isolados e a 4 SUDER/FUNAI, realizamos entre 21/10 e 06/11 uma primeira visita à AI Cuminapanema / Urukuriana, tendo como objetivo iniciar a pesquisa etnológica entre este grupo indígena (1)

Esta estadia, de curta duração, visava efetivar um primeiro contato com os índios e levantar as informações necessárias para o planejamento das etapas seguintes da pesquisa (2). Como resultado apresentamos a seguir uma primeira caracterização sócio-cultural do grupo, incluindo um censo, um vocabulário, informações preliminares sobre o modo de vida deste grupo Tupi, e dados sobre o contato. Esta primeira visita permitiu principalmente realizar uma avaliação da situação de contato, especialmente no que diz respeito à situação de saúde, que descrevemos na segunda parte deste relatório.

Durante nossa permanência na área indígena - num total de 17 dias - pudemos visitar várias aldeias, como segue:

21 e 22/10: Base Esperança da MNTB

23 a 26/10: deslocamento até a aldeia Keijã com etapas nos seguintes acampamentos: Watã'i, Kuruaty e Tarariq. No segundo dia passamos por uma pequena aldeia desabitada; no terceiro dia passamos pela aldeia Kupuruhu também desabitada e no quarto dia, passamos pela aldeia Purity, onde permanecemos apenas uma hora.

27/10 a 31/10: estadia na aldeia Keijã

01/11: estadia na aldeia Purity

02/11 a 05/11: deslocamento até a Base Esperança, com etapas na aldeia Kipuruhu e nos acampamentos do Kuruaty e Tararin.  
06/11: Base Esperança e saída para Santarém.

Tanto na ida como na volta, as etapas de caminhada foram relativamente curtas, não ultrapassando de 4 a 5 h por dia. Parávamos no início da tarde, quando os índios iam pescar e caçar. A caminhada de ida - juntamente com o sertanista João Carvalho e o auxiliar de sertanista "Parakanã", acompanhados por duas famílias (num total de 9 pessoas) - foi extremamente proveitosa para estabelecer o contato com os índios e iniciar o aprendizado da língua. Na volta, acompanhados por 5 índios, pudemos observar melhor a diversidade das atividades de coleta, caça e pesca, realizadas de acordo com o ritmo habitual em seus deslocamentos.

As condições da pesquisa foram facilitadas por um "entrosamento" direto com o ritmo das atividades do grupo ao longo de seus deslocamentos. Nossa chegada junto com os funcionários da FUNAI e a viagem de ida, que realizamos juntos, sem dúvida, condicionou nosso primeiro contato e a relação que estabelecemos com os índios, uma vez que fomos associados à este grupo de "brancos", por oposição aos missionários. Nesta oportunidade, agradecemos ao sertanista João Carvalho as pistas que forneceu para a compreensão da língua, indicando as modificações linguísticas para passar do Waiápi para o dialeto Tupi falado pelo grupo do Cuminapanema.

Também agradecemos o apoio recebido dos missionários, especialmente à Onésimo e Mariana, que cuidou de um ferimento no pé que havia se agravado na caminhada de volta. Nos três dias que passamos na Base, os missionários também nos forneceram algumas informações sobre as atividades na MNTB na área indígena.

## 2.

### CARACTERIZAÇÃO SOCIO-CULTURAL DO GRUPO TUPI DO CUMINAPANEMA

Excetuando o primeiro relatório da equipe da CII/FUNAI que visitou a área em fevereiro de 1989, que contém informações básicas sobre o grupo, não se dispõe de nenhuma descrição etnográfica do modo de vida dos índios Tupi do Cuminapanema. Cabe ressaltar ainda que a MNTB, presente há vários anos na área, nunca repassou essas informações à FUNAI. Sugerimos que esses dados - especialmente linguísticos - devam ser colocados à disposição da CII, tendo em vista que qualquer prática de assistência na área exigirá o conhecimento da língua.

Considerando que nossa estadia foi de curta duração, concentramos nosso levantamento na realização de um censo por aldeia, num levantamento da cultura material (visando avaliar a proporção de artefatos recentemente introduzidos e os efeitos dessa introdução) e em observações relativas às atividades de subsistência desenvolvidas pelo grupo. Mesmo que ainda

incompleta, consideramos indispensável colocar à disposição dos interessados uma primeira caracterização do modo de vida dos Tupi do Cuminapanema. Esses dados, quando complementados através de outros levantamentos em campo, permitirão fazer uma avaliação da atual situação e das mudanças sócio-culturais, isto é, responderão ao objetivo central de nossa pesquisa, que consiste na realização de uma etnografia do contato.

## Língua

A língua falada pelos índios do Cuminapanema inclui-se na família Tupi-Guarani do tronco Tupi. Ainda não está disponível nenhum material descritivo que permita a comparação com outras línguas desta família linguística. De acordo com os agentes da MNTB que trabalham na área, o levantamento que estão realizando não completou a "primeira etapa" de descrição fonológica; a etapa em curso visa - segundo eles - estabelecer uma proposta de grafia e testar material já reunido sobre a língua. Para isso, eles informaram que contam com assessoria de outros agentes da mesma missão (especialmente de Silas de Lima, que trabalha na Al Waiãpi e de linguistas da sede da MNTB, no que diz respeito ao processamento dos dados), razão pela qual não pretendem solicitar apoio do SIL.

Tendo em vista o elenco das atividades realizadas pelos missionários na Base Esperança (visitas mensais às aldeias, manutenção e construção de casas, em fase final, e trabalho linguístico), pareceu-nos que o estado atual do conhecimento já obtido por esses agentes deve estar muito mais adiantado do que nos foi informado. De acordo com os índios, cada um dos missionários tem seu informante, com quem trabalha de modo bastante sistemático, "escrevendo" e gravando fitas; esses informantes são preferencialmente rapazes entre 10 e 14 anos que têm, segundo os missionários, uma melhor dicção (menos comprometida pelo adorno labial). São remunerados com roupas e alimentação (meju = bolachas e temiõ = comida pronta).

Parece-nos, portanto, que a missão dispõe de dados linguísticos relativamente elaborados (fonologia preliminar, proposta de grafia, elementos de gramática e sobretudo vocabulário-padrão) que, no nosso entender, deveriam ser transmitidos à CII/FUNAI, que certamente poderá beneficiar-se deste conhecimento visando uma melhor preparação dos funcionários que irão atuar na área (especialmente necessário para uma melhor comunicação entre os índios e agentes de saúde).

Dada a inexistência de dados linguísticos sobre os quais poderíamos basear nossa investigação, transcrevemos o vocabulário levantado durante a estadia de acordo com uma grafia provisória. Trata-se de um conjunto de cerca de 200 palavras que podem indicar pistas para uma comparação linguística.

Esses dados, ainda que incipientes, sugerem que a língua do grupo do Cuminapanema inclui-se num conjunto que compreende as línguas

Tapirapé / Ava Canceiro / Asuriní do Tocantins / Surui do Tocantins / Parakanã / Guajajara e Tembé. De acordo com algumas características apontadas por Arnon Dall'igna Rodrigues (Relações internas na família Linguística Tupi-Guarani: 1985, 39) em relação ao proto Tupi-guarani, encontramos as seguintes aproximações:

- conservação das consoantes finais, com modificações (ex: **badehok** = mandioca; **ebebut** = meu filho)
- mudança do pj em ts (ex: **a-sek** = eu vejo)
- mudança do j em dz (ex: **dza'y** = lua).

Essas características deverão ser avaliadas por linguistas especialistas, logo que dispormos de um levantamento (gravado em fita) mais extenso.

Cabe ainda mencionar que, como é esperado numa situação de contato recente e sobretudo no caso de um contato realizado por uma missão de fé, os índios não tem nenhum conhecimento da língua portuguesa, a não ser algumas expressões, sintomáticas da relação estabelecida com os agentes de assistência. As duas frases que praticamente todos os homens repetem com frequência são: "não mexe" e "tira a mão dele". Também aprenderam a contar, com os dedos da mão, até dez, usando frequentemente os números para pedir as mercadorias que os interessam.

#### **Autodenominação / Etnônimos**

Embora já tenham sido divulgados alguns etnônimos, como "Poturujara" e "Buré", não foi possível confirmar a autodenominação do grupo. Os missionários também afirmam não ter ainda descoberto o nome utilizado pelos Tupi para designar a si mesmos.

Das conversas que tivemos com os índios, ficou evidente que o termo "Buré" não corresponde à um etnônimo, nem se confirmou a possível transformação do **bide** (= nós, em Araweté) que, na língua falada pelo grupo do Cuminapanema é **dade**.

O termo mais próximo de um etnônimo seria **poturu-jet** (literalmente = donos do adorno labial, **poturu**) corresponde apenas à uma caracterização descritiva de grupos que compartilham certos elementos culturais: os grupos locais já contactados no Cuminapanema e um grupo ainda isolado, designado pelos primeiros como **Kunamiju**, com os quais perderam o contato há vários anos, em função de um conflito.

Por oposição, mencionam grupos que não usam este adorno e usam cabelos compridos, tratados como inimigos e designados com os termos **Apam** ou **Tapá'hái**; ocupariam áreas situadas nos extremos da região percorrida pelos Tupi já contactados, isto é do outro lado do Erepecuru e do Cuminapanema (**Kiere rowai** = do outro lado do Cuminapanema). Mencionaram vários encontros com esses índios, tidos como extremamente belicosos: matavam os homens e levavam as mulheres. Esses contatos ocorreram há muito tempo, tendo sido presenciados apenas pelos mais velhos.

Parece nos que a inexistência de contatos regulares e efetivos com outras etnias é um dos elementos explicativos da ausência de uma autodenominação claramente configurada. O uso sistemático de um etnônimo é um elemento que compõe o processo constitutivo da identidade, em termos contrastivos. No Cuminapanema, a elaboração de uma autodenominação inclusiva, que seria utilizada para designar os vários grupos locais recém-contatados, ainda está em processo. O termo que mais frequentemente é usado para marcar o contraste étnico e cultural é o pronome **dade** (= nós).

Com o aprofundamento da língua, nas próximas etapas da pesquisa de campo, avaliar-se-á o significado de termos mais ou menos inclusivos, utilizados para designar a si mesmos (como **poturu-jet**) em oposição à outras etnias (como os nomes de "inimigos") e, especialmente os termos utilizados para se referir aos não-índios (como **kerai ra'it** = filho da febre?).

### Localização

Quando se referem à região ocupada e explorada pelos grupos locais atualmente em contato, os índios identificam um eixo marcado pelos dois principais rios da área, no sentido leste / oeste: de um lado o Cuminapanema (**Kiere**) e do outro o Erepecuru (**Pikuru**). Os movimentos indicados pelos índios mostram que, tradicionalmente, se deslocavam raramente ao sul para além da zona de campos inundados que margeiam o curso médio do Cuminapanema. O trânsito atual nesta zona sul relaciona-se diretamente com a presença da missão no curso baixo do rio **Tararin** (chamado "Igarapé dos índios").

Há 3 sítios que correspondem às aldeias permanentemente ocupadas pelo grupo. No sentido norte / sul, são estas:

- **Keijã**, a aldeia principal, centro de ocupação muito antiga. Trata-se de uma imensa clareira, que inclui uma **tapere**, isto é a antiga aldeia **Wiwaty** (= Flechal) onde se localizavam as habitações encontradas por ocasião dos primeiros contatos.

- **Pirity**, também chamada "segunda aldeia" ou "aldeia do meio", atualmente habitada por dois grupos locais claramente diferenciados: o grupo "dopo" do local e o grupo de Sarakura, que recentemente abandonou a aldeia **Tawari**, situada ao norte de **Keijã**.

- **Kupuru**, ou "primeira aldeia", não habitada no momento da nossa visita, uma vez que a totalidade de seus membros haviam se deslocado para a missão.

Além dessas três aldeias há outras duas (que corresponderiam à quinta e à primeira aldeia, numa sequência geográfica):

- ao norte, uma aldeia ocupada por aproximadamente 7 pessoas que ainda não tiveram contato com agentes da missão e da Funai, situada ao norte de **Keijã**:



- ao sul, a aldeia dita "do contato", situada à beira do igarapé **Kuruaty**, designada como **Wari rupa**, formada por apenas uma casa permanente (com cobertura de ubim) e uma pequena roca.

Finalmente, é preciso mencionar a "nova aldeia" que está se constituindo ao lado da Base Esperança, onde os missionários já conseguiram atrair pelo menos a totalidade dos membros da aldeia **Kupuruhu** e algumas famílias da aldeia "do meio". O local é designado pelos índios como **Rui rupa** (= a moradia de Luís, um dos missionários).

A maioria das aldeias antigas e recém-abandonadas, designadas como **tapere**, localizam-se à noroeste, em afluentes do Erepecuru. São estas:

- **Dubusi** ou **Tawari abut tapere** (= a aldeia velha do falecido Tawari)
- **Kwitani** ou **Tereke abut tapere**
- **Dzawaraty**

Na direção nordeste foram mencionados algumas áreas atualmente frequentadas para pesca, na região do alto Cuminapanema, que é também chamado "o rio do peixe". Nessa direção é mencionado também o grupo local **Kunamiju**, que ocuparia o rio **Biraka**. Mencionaram outros sítios de ocupação antiga cujos nomes e localização deverão ser confirmados, todos situados ao norte da localização atual das aldeias.

### População

No censo que realizamos na área, computou-se a presença de 109 indivíduos, assim distribuídos:

- **Rui Rupa** (Base Esperança): 16 pessoas
- aldeia **Pirity**: 29 pessoas
- aldeia **Keijã**: 64 pessoas (de acordo com as informações do sertanista João Carvalho, haveria cerca de 5 pessoas desta aldeia cacando no curso alto do Cuminapanema, elevando o total da população de Keijã à 69).

O primeiro levantamento realizado pela FUNAI, em fevereiro de 1989, indicava a presença de 20 pessoas na primeira aldeia (**Kupuruhu**) e 70 na segunda (**Pirity**), não havendo dados sobre a terceira (**Keijã**) que não foi visitada naquela ocasião.

O segundo censo realizado pela FUNAI indicou a presença de 130 índios: 51 na primeira aldeia, 46 na segunda e 33 na terceira (Eliana Lucena, ip). A imprensa mencionou outros números, variando de 119 a 142.

Um levantamento anterior, realizado pela MNTB, mencionava um total de 150 pessoas. Se esses dados estiverem corretos, as baixas recentes seriam muito maiores do que anunciadas pela missão, totalizando 14 pessoas (8 antes de dezembro de 1988 e 6 após esta data). Pretendemos, em nossa próxima estadia conferir,

nominalmente, o número, data e local dos falecimentos, a partir do registro da genealogia que começamos a levantar nesta primeira visita.

Nota-se que a distribuição das famílias nas aldeias tem mudado significativamente desde fevereiro, havendo por um lado um aumento da população da aldeia principal, onde era esperada a visita da FUNAI e, na outra extremidade da área, um aumento da presença dos índios junto à Base da missão. Neste ponto, vale notar que muitas famílias declararam sua intenção de se mudar para esta Base, tendo já preparado a mudança com a estocagem de grandes quantidades de farinha, guardada em sacos. De acordo com suas afirmações, só estariam aguardando a chegada do helicóptero - que segundo eles, iria transportar a farinha - para efetivar a mudança.

Estas alterações indicam que os Tupi estão dispostos a se aproximar dos postos onde podem obter as mercadorias e cuidados de saúde.

Mesmo que provavelmente incompleto, consideramos que a realização do censo (em anexo) é documento de controle importante, uma vez que permite registrar uma série de dados relativos à mobilidade e à situação de saúde do grupo. Encontramos dificuldades para obter os lugares de nascimento e as aldeias sucessivamente ocupadas por cada pessoa, que foram registradas para cerca da metade dos indivíduos. Os dados genealógicos foram também importantes para uma primeira descrição da estrutura social do grupo.

Como outros povos da região das Guianas, os Tupi do Cuminapanema apresentam uma estrutura social descentralizada, marcada pela autonomia política e econômica de grupos locais que também se diferenciam pelas relações históricas que construíram com outras etnias.

Esses grupos podem ser identificados através do levantamento genealógico e nem sempre correspondem às aldeias, tendo em vista a importante movimentação - acelerada pela situação de contato - entre as aglomerações. A autonomia desses grupos é visível tanto no comportamento cotidiano quanto nas atividades de subsistência que envolvem a cooperação dos membros de cada grupo (roças, expedições a longa distância).

Devido à relativa baixa densidade populacional, esses grupos locais correspondem mais ou menos à famílias extensas, lideradas por um homem de idade. Nas aldeias, cada grupo ocupa uma área ou um conjunto de casas nitidamente diferenciado. Este é o caso do grupo de Tamiri, cujas esposas, filhas, genros e irmãos mais novos ocupam quatro casas reagrupadas no lado oeste da aldeia **Keijã**; esse mesmo grupo habitava, anteriormente, uma grande casa - hoje abandonada - na aldeia **Pirity**. Nesta segunda aldeia, atualmente composta por dois grupos locais, é visível a separação entre o grupo "dono do lugar" e o grupo de Sarakura, que recentemente se instalou no local, após o abandono da aldeia anterior (**Tawari**). Finalmente, a "nova aldeia" que está se

formando ao lado da Base Esperança também congrega um grupo de pessoas todas relacionadas por laços de parentesco e aliança, em torno da liderança de Biri, que abandonou para tanto - provisoriamente ou definitivamente? - sua habitação na aldeia **Kupuruhu**.

Cada casa é uma família nuclear ou abriga duas unidades que ocupam espaços separados na habitação, cada uma com seu fogo. Ao que tudo indica, o padrão de residência é matrilocal, uma vez que em muitas casas, a pessoa mais idosa é a mãe da esposa do chefe de família. O número relativamente elevado de pessoas idosas permite avaliar claramente a dependência e a colaboração que se estabelece entre gerações, especialmente os laços entre mãe e filha e entre sogros e genros.

### **Atividades de subsistência**

No que diz respeito às atividades de subsistência desenvolvidas pelo grupo Tupi do Cuminapanema, a característica mais notável está na contraposição entre uma relativa sedentarização em função das práticas agrícolas e a importante mobilidade resultante das atividades de caça e pesca.

Em termos de espaço e tempo ocupados para cada uma dessas atividades, a situação desse grupo recém-contactado difere sensivelmente do modo de ocupação territorial dos grupos indígenas que já incorporaram há tempo tecnologias trazidas pelos brancos e que, em função disso, ampliaram a atividade agrícola para a qual dedicam tempo e espaço maiores.

Em termos de espaço, a atual área de concentração das aldeias situa-se numa região que apresenta maximização dos recursos de subsistência básicos para o grupo: grandes castanheais (após a mandioca, a castanha do Pará é o produto mais consumido pelos índios, que também utilizam a casca e a entrecasca dessa árvore para confeccionar diversos artefatos) e uma zona de pequenos igarapés onde são realizadas as tradicionais pescarias com timbó. Esses dois elementos parecem ter condicionado a localização das aldeias, que correspondem por sua vez à presença de roças (em 90% plantadas com mandioca brava) que são anualmente replantadas. A relativa escassez de recursos faunísticos nessa zona de ocupação resulta sem dúvida do longo tempo de permanência das aldeias e, portanto, do esgotamento da caça.

Devido à tecnologia lítica que os Tupi utilizavam até pouco tempo, as roças são reaproveitadas ano após ano, replantando-se mandioca e outros produtos nas mesmas clareiras (ver lista de produtos cultivados no vocabulário, em anexo). Por esta razão, há poucas roças - e portanto poucas aldeias - na área, e a maioria das casas denotam terem sido construídas há muito tempo. Contrariamente à esse padrão sedentário, as atividades de caça e pesca levam as famílias à deslocamentos em regiões muito

distantes das aldeias, onde permanecem por várias semanas, aproveitando no local a fartura de cacá e complementando a alimentação com farinha preparada na aldeia. Essa alternância das atividades voltadas para a agricultura e a preparação de farinha e das expedições à longa distância concretizam-se em uma grande mobilidade na área.

Por ocasião das caminhadas que realizamos com os índios, especialmente na volta, foi possível observar a ampla rede de trilhas que levam para zonas fartas em diversos produtos de cacá, pesca ou coleta; a cada hora ou hora e meia de caminhada, encontrávamos acampamentos prontos. Ao longo desses percursos, que variam segundo as estações de amadurecimento das frutas, todos os produtos são aproveitados, fazendo com que um deslocamento pela mata, consista ao mesmo tempo numa cessão de "engorda". Frutas (especialmente nozes e frutas de palmeiras), peixe e cacá não faltam nessas ocasiões, em oposição ao regime alimentar que observamos na aldeia.

Alí, os recursos são basicamente a farinha e - em menor proporção - beiju de tapioca, complementados, vez ou outra por peixe e carne. Nos 6 dias que permanecemos na aldeia Keijã, onde estavam presentes 64 pessoas, pouquíssima cacá foi consumida: uma cotia, um tucano e um mutum. No entanto, essa escassez pode ser apenas momentânea e explicada em termos da situação de contato no momento: devido à presença dos sertanistas e de visitantes, os índios saíam pouco e, por outro lado, preferiam aguardar a volta do auxiliar de sertanista que ia caçar todos os dias e distribuía carne. Por outro lado, a estação era pouco propícia para a cacá. Nesse mesmo período, praticamente todos os dias os jovens traziam peixe, conseguido em lugares próximos à aldeia. A abundância de peixe na dieta alimentar dos Tupi é recente e se relaciona diretamente com a distribuição de anzóis e linhas de náilon providenciada pelas equipes da FUNAI. Essa nova tecnologia foi imediatamente incorporada e condicionou deslocamentos para áreas antes não aproveitadas. Antes, só pescavam em pequenos igarapés, os únicos aproveitáveis para a pesca com timbó.

O equipamento material utilizado pelo grupo Tupi em suas atividades de subsistência é composto por um número limitado de artefatos (3). É notável a produção constante, pelas mulheres, de recipientes de cerâmica e o trançado, também feito pelas mulheres, dos diversos artefatos destinados ao processamento da mandioca.

O detalhamento das demais características sócio-culturais observadas durante nossa estadia - especialmente as práticas rituais, as técnicas de cura, as atitudes entre categorias sociais e entre gerações, etc... - não serão incluídas neste relatório, devendo ser complementadas nas próximas etapas da pesquisa de campo.

## 3.

## VERSÕES SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS

## O IDESP reivindica a descoberta

Em 1975, o Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Pará / IDESP realizava mapeamento e pesquisa mineral para o projeto Curuá-Cuminapanema, dentro das atividades do Programa Polamazônia realizado em convênio com a SUDAM. Durante os trabalhos de campo na região situada entre os rios Cuminapanema e Erepecuru, a equipe encontrou uma clareira que poderia ser utilizada para pouso. Ao se aproximar, descobriu que se tratava de uma aldeia, com três casas grandes. A equipe resolveu então sobrevoar a aldeia, recebendo flechadas dos índios que ao perceberem que não atingiram o helicóptero, ficaram amendrontados e fugiram para suas casas. Os técnicos registraram a presença dos índios - estimados em 50 a 60 indivíduos - através de fotos e um de filme Super-8 e interromperam o trabalho para voltar à Belém. Antes disso, atiraram, de helicóptero, um saco com mantimentos e facas, e perceberam que os índios enterraram o material imediatamente, jogando terra e dando pauladas no saco. Ainda no sobrevôo, a equipe do IDESP identificou três outras aldeias menores (Chaves, ip: 12.89).

Após este reconhecimento, o IDESP informou a FUNAI que, no mesmo ano, deslocou dois sertanistas para trabalhar no Cuminapanema: Arnoldo Perez e Otávio Cangucu. Este último teria realizado uma expedição de reconhecimento na área, utilizando-se de um dos campos de pouso abertos para a pesquisa mineral. Mas, de acordo com Otávio Chaves, que coordenava a equipe do IDESP, o sertanista considerou arriscada a operação e não efetivou o contato. De acordo com outra versão, da própria FUNAI, o sertanista somente planejou a ida à área, não efetivando nenhum reconhecimento.

Em função do contato realizado com a FUNAI, na época, o IDESP decidiu não divulgar o caso na imprensa; paralelamente, a diretoria do IDESP resolveu excluir do levantamento mineralógico, realizado entre 1975 e 1980, uma área de 60 km de extensão, entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, devido à presença dos índios. Só agora, em junho de 1989, o pesquisador Otávio Chaves fez declarações, reivindicando a descoberta do grupo isolado, com o objetivo de "esclarecer a sociedade acerca da memória histórica dos povos indígenas da Amazônia" (O Liberal, 02.06.89).

Se, em 1975, os registros disponíveis mostram que os índios pareciam recusar o contato, sabe-se muito pouco das circunstâncias em que foi efetivamente concretizada a aproximação, sete anos mais tarde.

## A MNTB promove o contato

Em 1982 missionários da MNTB efetivam o contato com os índios do Cuminapanema, após ter localizado, num sobrevôo, quatro aldeias.

Notificam a FUNAI através de cartas e de fotografias (MNTB, 23.09.82 e 15.06.83).

Segundo os missionários, este primeiro contato "relâmpago" foi muito tenso e ocorreu numa pequena aldeia (**Wari rupa**) situada à margem do igarapé **Kuruaty**, denominada até hoje "aldeia do contato". Este primeiro encontro foi efetivado por Francisco Carlos Montoni e Mauricio Nobre do Nascimento. Dadas as dificuldades de acesso à região, os missionários caminharam vinte dias pela mata para encontrar os índios; estavam acompanhados de um intérprete Aparai que não conseguiu entendimento verbal com os índios. Como os índios estavam "bastante agitados", os missionários afirmam que se limitaram à entregar presentes e, em seguida, se retiraram.

Após esta façanha, a MNTB comunicou o ocorrido à AGESP/FUNAI, afirmando não ter realizado o contato "propositadamente". Em setembro de 1983, o sertanista Fiorello Parise, em documento enviado à sede em Brasília, manifestava a inoportunidade do contato realizado pela MNTB e mencionava as dificuldades da então ZDR/FUNAI de enviar uma frente de atração, por falta de recursos humanos e financeiros; a solicitação de verbas do sertanista - que previa uma viagem de reconhecimento à região - não foi atendida e a questão dos índios do Cuminapanema permaneceu esquecida pela FUNAI durante alguns anos.

Em dezembro de 1985, o presidente da MNTB, Assis Militão da Silva, propôs um convênio com a FUNAI, para assistir os índios do Cuminapanema, argumentando que havia notícias da presença de garimpeiros e de gateiros nas proximidades das aldeias. No entanto, o convênio que a missão assinou junto à FUNAI, três anos mais tarde (08/88 de 21.09.88) não mencionava a presença da missão na área do Cuminapanema. De fato, uma das cláusulas deste convênio proíbe à missão a atuação em áreas de índios isolados.

Os missionários afirmam não terem voltado à área das aldeias entre 1982 e 1985, pois permaneceram na base de Santarém. Nesse período, porém, realizaram sucessivos sobrevôos, para reconhecer a localização das aldeias e lançar presentes. Foi somente em 1985, quando ainda aguardavam um pronunciamento do órgão responsável, que voltaram à área, a pé, para iniciar a construção da Base Esperança, situada a alguns dias de caminhada das aldeias e fora da área de perambulação dos índios (vide acima, localização). Em dois anos, concluíram uma pista de pouso para pequenos aviões.

Entre 1985 e 1987, além dos trabalhos na pista, realizaram incursões rumo às aldeias, ao longo do pique que havia sido aberto em 1982. Durante o período, ocorreram alguns encontros esporádicos com os índios, que, segundo os missionários, permaneciam "agitados", o que determinou a construção de uma casa cuidadosamente fechada na Base (essa casa possui um sótão, onde os missionários previam se retirar em caso de ataque).

Foi na Base Esperança, que em 5 de novembro de 1987 ocorreu o contato definitivo com os índios. Alguns dias antes, os

missionários estavam caçando na mata, perto da Base, e sentiram que estavam sendo observados. Quando mataram um animal e estavam cortando, os índios se aproximaram, levaram a cabeça e se retiraram. Dois dias depois, um grupo de índios apareceu no morro situado atrás da Base, onde outras famílias foram se reunindo, num grupo de cerca de 100 pessoas. No dia 5, desceram até a Base, aguardando a aproximação dos missionários. Segundo estes, foi um momento de grande tensão. Se comunicando através de gestos e ainda mantendo distância, os missionários fizeram sinais oferecendo presentes; os índios responderam oferecendo flechas, cujas pontas haviam sido quebradas. Um deles, trêmulo, se aproximou dos missionários para apanhar um facão, voltando em seguida até o grupo que então decidiu se aproximar. Nos dias seguintes, outros vieram, construindo casas no morro, onde ficaram algum tempo.

Depois desse contato, os missionários empreenderam várias estadias nas aldeias, especialmente no Keijã, onde permaneceram cerca de um mês. Sobre essa estadia, pesam uma série de dúvidas quanto ao relacionamento entre os agentes da missão e os índios. De fato, o sertanista Possuelo acredita que os missionários teriam tentado se instalar definitivamente na aldeia e empreenderam a construção de uma pista de pouso na clareira da atual capoeira **Wiwaty**; os índios teriam reagido negativamente, obrigando os missionários a recuar, faltando porém informações sobre a razão que levou os missionários à se afastar da zona habitada pelos índios. Quando solicitamos explicações à esse respeito, os agentes da MNTB negaram que estavam abrindo uma pista de pouso e informaram que permaneceram algum tempo na aldeia, para atender os índios; ainda mencionam que não teriam se instalado na aldeia sem autorização da FUNAI.

A essas versões contraditórias se contrapõe a versão fornecida pelos índios que comentaram, no próprio local da "pista" do **Wiwaty**, que os missionários efetivamente trabalharam na limpeza daquela clareira. Informam que trabalharam na pista: Neto (Anestor), Duadu (Eduardo), Nadi (Onesimo) e Rui (Luís) que trabalhou no início e depois foi embora; acrescentando que Bag (Paul Naguel) não estava. Isso ocorreu há mais ou menos 4 anos. Dizem ainda que **Sadi oham** (= o piloto do avião veio) e que **Sadi oeru Rui remiõ** (= Sadi trouxe a comida do Luís). Ficaram uma lua no **Wiwaty** e, depois, Nadi adoeceu e todos voltaram por terra. Embora corra a versão, na FUNAI, segundo a qual aviões já teriam pousado naquela pista (que, de fato, se encontra praticamente concluída), a versão dos índios indica apenas lançamentos de alimentos por avião. Não foi possível obter confirmação de qualquer conflito que tenha surgido, naquela ocasião, entre os índios e os missionários.

Atualmente, a MNTB mantém na Base Esperança, 11 pessoas (incluindo 5 crianças). A missão é atendida por voos mensais alimentados pela base da MNTB em Santarém, com a qual os missionários mantêm também contato radiofônico.

Em equipes de dois homens, os missionários afirmam que visitam uma vez por mês as aldeias onde dizem permanecer alguns dias. Os índios no entanto, afirmam que eles dormem apenas uma noite na aldeia.

No entanto, tendo em vista que a MNTB acredita que o convênio será celebrado em breve, pediram aos índios que construíssem uma casa para eles na aldeia Keijã; essa casa estava em fase final de preparação e servirá aos missionários como pousada durante sua transferência para essa aldeia.

A permanência da missão na aldeia, além de não ter sido autorizada, depende ainda da abertura da pista de pouso no local, sem a qual a nova Base não poderia ser atendida. As mulheres e as crianças só se transfeririam para o local uma vez que esta nova Base estiver totalmente concluída.

Cabe ressaltar, neste ponto, que os agentes da MNTB, de modo geral, ainda manifestam ter medo dos índios. Afirmam que a reação destes ainda é totalmente "imprevisível" e que, possivelmente, eles irão se "revoltar" e agir "com violência". Esse ambiente de relativa tensão nos foi confirmado repetidas vezes pelas conversas informais com os missionários - sobretudo as mulheres - e especialmente num dos cultos do qual participamos, quando pediram enfaticamente à deus "proteção e paz" para as suas atividades junto aos índios, mencionando as dificuldades e a própria situação de tensão em que se desenvolvem essas atividades.

O objetivo da atuação da MNTB na área do Cuminapanema está pautado em três etapas, ou fases: após o domínio completo da língua (fase 1), iniciar a alfabetização (fase 2) e, através da tradução de textos bíblicos, transmitir a palavra de deus (fase 3). A missão também prevê alguma interferência a nível sócio-econômico. De acordo com Paul Nagell: "depois de conhecer a cultura e quando se tornar apropriado, vamos introduzir idéias e projetos dentro das possibilidades deles, para que possam ganhar e comprar coisas que queiram e precisem, para satisfazer as suas necessidades e evitar o paternalismo e que fiquem dependentes" (Eliana Lucena, ip). Na primeira e atual etapa, os missionários admitem que devem priorizar a questão da saúde; os índios, por ora designados como "corpos físicos", atingirão com a última etapa da programação, um status de "pessoas" aos quais será oferecida a "salvação eterna e universal". Por ora, não devem se extinguir, sem o que o objetivo da missão será inútil.

O pronunciamento que o missionário americano realizou diante das câmaras da Rede Globo - para milhões de espectadores - confirma que, se ela apoia "materialmente" os índios, a MNTB tem como fundamental objetivo, supri-los em termos "espirituais". A finalidade da missão é "se fazer presente na vida dos índios" para chegar, em breve, ao "ensino da palavra de deus, dando ao grupo do Cuminapanema a mesma oportunidade que os demais brasileiros estão tendo".

Cumprir registrar que, em nenhum momento, houve por parte dos missionários tentativa de escamotear seus objetivos proselitistas



Fundamentalistas. Desde as primeiras visitas de agentes da FUNAI, passando por declarações na imprensa e até nas conversas que tivemos com eles na área, eles sempre identificaram com clareza os motivos de sua presença entre os índios.

Diante desses fatos, é urgente avaliar não apenas os objetivos finais da MNTB, mas sua atual atuação na área, especialmente no campo da saúde. Cabe nos perguntar se a preservação de "corpos físicos" por uma entidade reconhecidamente voltada para a interferência declarada no modo de viver e pensar da população que assiste, é o preço que esta comunidade deve pagar para ter direito à sobrevivência.

Nesse sentido, consideramos prioritária a elaboração de programas de assistência alternativos em relação ao da MNTB, a serem apresentados não só pelo próprio órgão responsável, como por outras instituições que disponham de experiência e recursos para efetivar a continuidade dos trabalhos na área do Cuminapanema.

### **Atuação da CII/FUNAI**

A FUNAI tinha conhecimento da existência deste grupo indígena pelo menos desde o início dos anos 70, quando procedeu ao levantamento dos grupos isolados que estavam na rota da construção da rodovia Perimetral Norte (BR 210). Na época, o contato com o grupo do Cuminapanema teria sido planejado, como indica a Portaria normativa da COAMA que criou, em 25.06.76, o Posto Indígena de Atracção Cuminapanema. Com a interrupção das obras da Perimetral, o posto nunca foi implantado nem recebeu alocação de verbas.

Uma das ações prioritárias realizadas pela CII/FUNAI, em 1989, de acordo com os objetivos desta coordenadoria, foi o de providenciar uma garantia mínima do território ocupado pelo grupo isolado. A região habitada pelo grupo Tupi do Cuminapanema está, no momento, preservada através da interdição de uma área de 2.059.700 ha (Portaria PP/4098 de 30.12.87 interdita a Área Indígena Cuminapanema / Urucuriana para efeito de "segurança, garantia de vida e do bem estar dos índios").

Em função dos rádios enviados pela MNTB no início de janeiro de 1989, alertando a FUNAI sobre a precária situação de saúde dos índios e da ocorrência de pelo menos 15 mortes nos últimos dois anos, o coordenador da CII/FUNAI, Sidney Possuelo, conseguiu organizar uma primeira expedição de reconhecimento, em fevereiro, e constatou que os índios estavam de fato enfrentando sérios problemas de saúde. Mesmo estando presente há vários anos na área, a MNTB não havia providenciado a vacinação dos índios. Em maio, uma equipe constituída por sertanistas, médicos e enfermeiros, estava pronta para iniciar uma operação de saúde, mas teve de aguardar a liberação de recursos e sobretudo o empréstimo de um helicóptero para chegar à área. Com apoio da

Petrobrás, a equipe pôde dar continuidade ao atendimento iniciado em março, com a aplicação das primeiras doses das vacinas Sabin, BCG, Tétano e DPT.

Na segunda viagem, a equipe da FUNAI avaliou que a situação sanitária havia piorado estando os índios afetados por conjuntivite e gripe que atingiu a metade da população das três aldeias. O sertanista João Evangelista Carvalho, um auxiliar de sertanista e um atendente de enfermagem permaneceram na área para combater o surto. No começo de julho, foi organizada nova ida à área, com uma equipe de saúde composta de um médico e duas enfermeiras que ministraram a segunda dose de vacinas. Os profissionais de saúde se retiraram, permanecendo na área apenas o sertanista João Carvalho e um mateiro. Continuaram atendendo os doentes nas duas aldeias setentrionais, saindo da área em setembro.

Em outubro, João Carvalho voltou a área - ocasião em que realizamos a nossa visita - e permaneceu até o início de novembro, prestando assistência à saúde nas mesmas aldeias. Durante esse período, anunciava-se a iminente chegada de um helicóptero que permitiria realizar a terceira dose da vacinação. Até o momento, por falta de recursos e tendo em vista a dificuldade de se obter um helicóptero, a vacinação não ocorreu, perdendo-se assim a validade (estimada até dezembro) das doses anteriores (ver adiante, Situação de saúde).

A partir dos levantamentos realizados em campo, assim como baseado em informações diversas que atestam a existência de diferentes grupos indígenas isolados na região do norte do Pará e oeste do Amapá, a CII/FUNAI propõe a criação de um "Sistema de Proteção Cuminapanema" - com base em Santarém - que incluiria uma vasta área, desde o rio Trombetas (PA) até o rio Araguari (AP). Esse sistema visa prevenir e proteger cerca de 6 grupos isolados que habitam a região. Embora o documento da CII/FUNAI ainda não identifique esses grupos, existem informações sobre a presença de sub-grupos Caribe pertencentes à etnia "Waiwai" (Karafawyana), Tiriyo (Ingarune), Aparai ou Wayana (grupo isolado mencionado na área do Purure), assim como sub-grupos Waiãpi, de língua Tupi (no alto Ipitinga e no alto Amapari). Mas, até o momento, o sistema de proteção só existe no papel. A CII/FUNAI tem enfrentado dificuldades - dentro do próprio órgão - para a obtenção de recursos que permitiriam implementar atividades prioritárias nas aldeias do Cuminapanema; forçosamente, estas dificuldades inviabilizaram a programação de assistência numa região tão extensa quanto aquela prevista pelo "Sistema" acima referido.

## 4.

## ATUACAO DAS AGENCIAS DE ASSISTENCIA

## A guerra FUNAI / MNTB

Desde o início deste ano, as relações entre a FUNAI, através da CII, e a MNTB têm sido conflituosas e estão envoltas num clima de rivalidade e acusações que recebeu grande cobertura na imprensa nacional.

As notícias divulgadas pela imprensa afirmam que, desde 1982, a FUNAI se posicionou contrária à efetivação de uma aproximação com o grupo isolado, declarando ser inoportuno o contato com um grupo indígena que não estava ameaçado por frentes de expansão econômica. A principal acusação formulada pela FUNAI contra a missão incide sobre a realização desse contato para o qual a MNTB não tinha autorização.

Por outro lado, a FUNAI acusou a MNTB de negligência por estar na área e não prestar assistência efetiva à saúde, e sobretudo por não ter providenciado a vacinação.

Os objetivos proselitistas da MNTB também foram criticados. Anunciou-se na imprensa a provável retirada da MNTB e, paralelamente, o início de um cadastramento organizado pela FUNAI para controlar as atividades das missões evangélicas em todo do Brasil. Ao que tudo indica, esse sistema de controle não foi acionado, tendo-se em vista a indefinição que ainda vigora numa área tão prioritária quanto a do Cuminapanema.

Se a FUNAI legitimou sua intervenção no Cuminapanema através de acusações contra a MNTB, é necessário ressaltar que, de fato, o órgão responsável não tomou nenhuma medida administrativa concreta no sentido de retirar a missão, ou de iniciar as providências necessárias para substituí-la na área. A FUNAI nem mesmo exigiu que a MNTB colocasse a disposição as fichas de saúde dos índios, ou todo o material e informações já acumuladas pelos agentes da missão que se sucederam no Cuminapanema.

É preciso lembrar que após a primeira visita, as intervenções seguintes da CII/FUNAI só foram realizadas graças ao apoio (financeiro, cobrindo entre outras despesas, o transporte por helicóptero) de diversas agências da imprensa nacional e internacional, através da realização de reportagens que foram divulgados nos principais meios de comunicação do país e do exterior. A relação entre imprensa e início da atuação da FUNAI na área é portanto extremamente significativa para avaliar a real disposição e o futuro das intervenções protecionistas pretendidas pelo órgão responsável.

Essa mesma imprensa, que não economizou palavras para acirrar os objetivos conflitantes das duas agências de contato presentes na área, se incumbiu também da propagação de uma visão romântica, estereotipada e distorcida do modo de vida do grupo Tupi.

Diretamente "do paraíso para a civilização", a "tribo mais primitiva da floresta amazônica" recebia os novos visitantes "sem medo" e "sem resistência". Recém-contactados e "encantados com gravadores e flashes", o grupo indígena foi apresentado ao restante da sociedade brasileira, em meio a um processo cujo caminho é "sem volta", que os conduziria "fatalmente" à "perda da identidade" pois já estariam "destruídos" pelo homem branco, "no crepúsculo de uma raça"...

Tanto a CII quanto a 4 SUER afirmam ter interesse na retirada da MNTB como na criação de um posto de assistência permanente na área. Mas, até o momento, a criação do posto permanece indefinida e os próprios setores da FUNAI não se entendem sobre a localização desta base e sobre a necessidade da abertura de uma pista de pouso na aldeia principal.

Enquanto isso, a missão vem tentando a assinatura do convênio, que lhe permitirá efetivar - abertamente - sua aproximação junto às habitações dos índios (com duas alternativas de mudança: atrair o maior número de índios para a Base Esperança ou transferir esta Base para a aldeia Keijã).

O resultado desse conflito de intenções deve ser avaliado do ponto de vista das condições efetivas colocadas a disposição por cada uma das agências. No momento, a MNTB detém uma imensa vantagem, por estar implantada na área e por contar com recursos financeiros e humanos aparentemente ilimitados. Lembramos ainda que, enquanto instituição internacional, a MNTB está investindo há sete anos nesta missão, que deve corresponder ao ideal para sua atuação proselitista. Basta mencionar que há um total de treze famílias de missionárias envolvidas no trabalho no Cuminapanema (atuam em Santarém e na área, em sistema de rodízio).

Durante nossa estadia em campo, ouvimos acusações mútuas de incompetência e negligência por parte desses agentes. De ambas as partes atribui-se ao outro a transmissão de doenças como a malária, a gripe e outras; discorda-se sobre quem introduziu em maior quantidade, e sem critério, bens industrializados e roupas. Às duas agências, cada uma a seu modo, reinvidica a si os melhores métodos e alternativas de assistência para os índios. Os procedimentos das agências nesses dois aspectos básicos da atual situação de contato - saúde e introdução de novas tecnologias - exigem alguns comentários.

### **Técnicas de contato**

A MNTB e a FUNAI implementaram procedimentos de contato que vêm sendo utilizados há décadas, por gerações de sertanistas, e que se aproximam nas técnicas mesmo que diferem nos objetivos. Do ponto de vista dos índios, pareceu nos, que só as técnicas - "namoro" através de presentes e "contato" através de um

incremento dos donativos - estão sendo apreendidas. Nisso, ambas as agências se confundem.

A diferenciação, por parte dos índios, entre a atuação e os benefícios trazidos por essas duas instituições, ocorrerá em função da avaliação que eles farão da continuidade e do volume de suas atividades: quantidade e qualidade dos objetos presenteados, quantidade e qualidade dos cuidados à saúde.

Os missionários que vivem no Cuminapanema dizem ter refletido - e efetivamente têm comentado essa questão de modo mais sistemático que os sertanistas da FUNAI - sobre as consequências desse procedimento de contato e o decorrente processo de dependência. Os missionários se mostraram preocupados em estabelecer "critérios" na distribuição e na introdução de mudanças que afetarão as condições futuras de trabalho e, inclusive, a segurança dos missionários na área. De fato, os critérios utilizados não se referem unicamente ao interesse indígena, como seria esperado, mas sobretudo aos interesses da missão. Porque, de fato, ter adiado muito tempo a farta distribuição de anzóis - propiciada pela FUNAI - e ter introduzido, desde 1987, o uso de roupas (sem o correspondente ensino e distribuição de sabão)? Pelo que foi possível constatar, os agentes da FUNAI e os jornalistas que acompanharam as equipes não dispensaram presentes, muito mais variados, para os índios. Mas, dado as crônicas limitações financeiras do órgão, essa distribuição rapidamente se esgotará. Inúmeros exemplos de situações semelhantes de contato demonstram que as relações entre o grupo indígena contactado e os agentes da FUNAI passam por tensões quando esta cessa a distribuição de "brindes", que passam a ser repassados como "remuneração" de pequenos serviços. Esta é, aliás, uma das soluções também adotadas pela missão para frear a intensidade dos "pedidos".

Nesse contexto, é importante - embora óbvio - alertar para o necessário cuidado na introdução indiscriminada de bens, especialmente aqueles que criam não só dependência às vezes irreversível (armas de fogo) como perda de técnicas tradicionais (linhas de algodão e redes industrializadas). Quanto às roupas introduzidas pelos missionários, elas nos pareceram extremamente prejudiciais, não só pelo estado de sujeira em que se encontram como pelos materiais com que são confeccionadas. Trata-se provavelmente de doações norte-americanas e a maioria das vestimentas são de tecidos sintéticos que favorecem a transpiração e a irritação cutânea.

Os índios, por sua vez, curiosos e ávidos por qualquer objeto que tenha sido apresentado, "pedem" incansavelmente - mas de modo sempre cordial - a cessão de maior quantidade de bens. Nesse contexto, é inegável que a atuação tanto da missão como da FUNAI esteja baseada na "compra" dos índios. "Paga-se" com objetos (de acordo com a solicitação dos índios: *kanã*) a permanência de determinados grupos familiares, junto às bases de cada uma das agências. Nesse contexto, os índios têm se movimentado

intensamente nos últimos meses, ao ritmo das viagens e das intenções contraditórias formuladas por cada uma das agências. Vão, voltam ou se mudam de local de acordo com as perspectivas de pagamento.

Enquanto estratégia, os Tupi do Cuminapanema têm utilizado a amabilidade para obter, de todos os que irrompem em suas aldeias, os objetos dos mais diversos e cuidados à saúde de seus doentes. E nessas duas questões que, por ora, manifestam interesse em relação à presença dos brancos.

Alheios às intenções de proteção e salvação contraditórias, eles sem dúvida estão pagando o preço da indefinição dos órgãos responsáveis em fixar uma política de assistência planejada e contínua na área. Na movimentação que realizam entre as aldeias e as bases das agências, cujo ritmo aumenta com a indecisão e/ou a tensão entre as agências, os índios continuam contraindo e propagando focos de doenças. Se, pelo que tudo indica, ainda não atribuem essas doenças à presença dos brancos em sua área, é manifesto que esperam, deles, a cura.

#### **A questão da saúde e as intervenções em curso**

A justificativa da intervenção junto aos isolados do Cuminapanema por parte da missão e da FUNAI tem sido a precariedade da situação de saúde do grupo. As epidemias de gripe e malária, resultantes em um número elevado de mortes recentes, tem sido o argumento utilizado pelas duas agências para justificar suas atuações:

- Quando a MNTB informou a FUNAI a ocorrência de mortes em dezembro de 1988 (ou seja um ano após a data do "contato" admitida pela MNTB), ela propôs uma atuação mais efetiva na área de saúde, condicionada à mudança de seus agentes junto à "aldeia principal. Dada a distância que separa a Base Esperança das aldeias, os missionários realizam poucas visitas nas aglomerações indígenas (ver acima) atendendo às vezes à chamados de urgência. Atendem de forma intensa apenas os índios que os procuram e se deslocam até a Base. Como a FUNAI não autorizou a mudança, a alternativa para os missionários foi de atrair os índios para a Base, convidando-os a abrirem uma roca, o que foi feito no verão de 1989; a nova roca será produtiva em 1990 e, supõe-se que numerosas famílias permanecerão vários meses no local.

A MNTB tem também utilizado o argumento de possíveis invasões nas bordas da área interdita para justificar sua presença, como "barragem" contra a entrada de garimpeiros. Não foi possível verificar a pressão efetiva de invasões na área. Nesse caso, porque provocar um deslocamento dos índios para a Base que, sem dúvida, é a área mais diretamente ameaçada de invasões? Porque incentivar a ocupação numa área que os próprios missionários reconhecem ser mais pobre em recursos naturais?

- A FUNAI, por sua vez, utilizou o relato das mortes de 1988 para intervir, acusando a missão pela ocorrência. Foi em meio à grande cobertura da imprensa - pelos motivos acima mencionados - que os sertanistas e agentes de saúde da FUNAI realizaram as primeiras doses da vacinação - sem maiores cuidados epidemiológicos e sem registro completo (fichas individuais) da cobertura realizada. Essa intervenção, sem dúvida prioritária, não significa porém melhoria na situação de saúde do grupo; por um lado, por não ter sido realizada até hoje a terceira dose e, por outro lado, porque não houve encaminhamento para o principal problema de saúde enfrentado - no momento atual e que irá se agravar com o período de chuvas - é a alta incidência de malária (Vivax, Falciparum e Malariae) que atinge todas as aldeias, inclusive o grupo local sem contato.

Diante das limitações acima mencionadas dos serviços oferecidos pela missão, cabe à FUNAI prestar serviços contínuos nas aldeias. É com essa intenção que o sertanista João Carvalho voltou à área em meados de outubro, sem aguardar a equipe de vacinação e contrariando a programação do coordenador da CII em Brasília, que julgava dispensável a ida do sertanista naquele momento. Alheio ao clima de indecisão que ainda vigora quanto à implantação de um posto na área, João Carvalho afirmou repetidas vezes que pretendia permanecer nas aldeias até a total "recuperação" dos doentes. Mas, como ele mesmo reconhecia, o ciclo de doenças que atingem a comunidade dificilmente "acabaria". Esse estado permanente de contaminação entre as aldeias e a precariedade dos serviços oferecidos merecem alguns comentários.

#### **Dados preliminares sobre as epidemias**

Ainda que tenha que ser verificado, os dados disponíveis indicam uma sequência na propagação de doenças, que foi se incrementando e diversificando desde os primeiros contatos "relâmpago" realizados em 1982 até as recentes visitas de numerosos sertanistas e jornalistas no início de 1989. É fundamental averiguar esse histórico, que por ora só pode ser montado a partir de informações contraditórias, construídas no contexto das acusações entre agências de contato.

- Pelo que pudemos averiguar, a malária era conhecida dos índios (por ser endêmica em todas as áreas de floresta equatorial) mas ela se apresentava, de acordo com as comparações que fizeram entre "febre pequena" e "grande", de uma maneira mais branda; é possível admitir que foram os próprios missionários que levaram à área a variante Falciparum, ao adentrar por uma trilha pela mata que saía de Oriximiná, um centro urbano altamente contaminado. Os contatos "relâmpago" foram suficientes para propiciar a infecção e o número elevado de mortes corresponde ao período que seguiu a retomada desses contatos iniciais, entre 1985 e 1987. De acordo com os índios, foi na aldeia Purity que morreu o maior número de indivíduos - de "febre" - numa época em que já

havia conhecido os missionários através de encontros esporádicos. Isto é, morreram à alguns dias da Base, onde os missionários aguardavam a "consolidação" do contato. Um dos missionários nos informou que, no momento do contato definitivo, em novembro de 1987, avaliaram que 70% do grupo estava atingido pela malária. É provável que essa situação tenha levado os índios a procurarem esse contato, quando associaram a incidência de uma nova doença com a presença dos brancos.

- Os surtos de gripe parecem ter ocorrido muito recentemente. Os missionários acusam os agentes da FUNAI de ter introduzido essas afecções, que não teriam se manifestado antes do início de 1989.

- Da mesma forma, a missão acusa os agentes da FUNAI e sobretudo a entrada indiscriminada de visitantes (pilotos, jornalistas, técnicos de som e vídeo, etc...) a contaminação que provocou a crise de conjuntivite e problemas de pele em um número significativo de adultos, em meados de 1989. Nesse caso também, os missionários consideram que essas afecções eram antes desconhecidas.

- Uma série de outros problemas foram constatados, cuja origem é provavelmente relacionada com consequências das afecções acima: um número importante de adultos apresenta feridas extensas nos membros, muitas vezes inflamadas ou já com ulceração importante; algumas mulheres apresentam sinais de artrite nos joelhos e mãos, com deformações acentuadas. Finalmente cabe mencionar que um certo número de indivíduos, entre adultos e jovens, apresentava inflamação no lábio, distendido pelo *poturu*; cabe indagar se este tipo de inflamação é "habitual" ou se agravada pelo contato com substâncias e agentes contaminadores antes desconhecidos.

### Distribuição de brindes, alimentos e remédios

Embora não poderíamos pretender realizar um levantamento sistemático da situação de saúde, que requer formação especializada, encontramos sérias dificuldades inclusive para uma descrição das doenças que atingem a comunidade. Essas dificuldades se relacionam não só às dificuldades de comunicação com os índios para discutir sintomas e origem das afecções, mas sobretudo decorrem da relação terapêutica construída entre os índios e os agentes da Funai presentes na área durante nossa visita.

De modo geral, essa relação pode ser descrita comparando-a à uma distribuição de "brindes".

É inegável a experiência acumulada pelo sertanista João Carvalho ao longo dos anos que passou nas frentes de contato mantidas pelo SPI e pela FUNAI; de acordo com seu relato, adquiriu ao longo desses anos uma prática na área de saúde que lhe permite atuar de modo relativamente seguro na identificação e no tratamento das doenças que habitualmente afetam as populações indígenas. Essa prática se caracteriza por uma intervenção que associa a introdução de elementos tecnológicos (distribuição de anzóis,



para propiciar um aumento na captura de proteínas), o reforço alimentar (através de distribuição de alimentos preparados) e aplicação de medicamentos específicos. É significativo mencionar que essas três intervenções ocorrem normalmente juntas, "tratando-se" um índio com brinde, comida e remédio. A justificativa desta associação é óbvia: quando doentes, os índios não saem para caçar, longe na mata, mas podem pescar nas proximidades da aldeia; para garantir a rápida recuperação do doente, um reforço alimentar certamente é importante (4).

No entanto, gostaríamos de apresentar algumas dúvidas quanto à eficácia dessa intervenção, listando aspectos que devem ser considerados com prioridade na implantação de um programa de saúde:

- a "prática" na identificação de problemas de saúde que afetam o grupo isolado pode ser suficiente em situações emergenciais, mas deve ser rapidamente complementada por um levantamento sistemático - com diagnósticos individuais e global, isto é levando em consideração a movimentação dos índios entre as aldeias - e a programação de uma assistência contínua em todas as aldeias.

- o tratamento dispensado pelos sertanistas não se acompanhou do registro nem dos nomes, nem da data, nem dos medicamentos distribuídos; o mesmo pode ser dito da vacinação, cuja cobertura só foi acompanhada do registro global de doses por aldeia. Tendo em vista a descontinuidade não só entre o pessoal como entre os períodos de aplicação, o registro cuidadoso dos casos e dos tratamentos dispensados é indispensável, inclusive para evitar dosagens excessivas e prejudiciais. Os agentes da MNTB, orientados pela SUCAM de Santarém mantêm um registro dos casos de malária dos quais eles são informados (isto é, não cobrem a totalidade dos casos).

- o mesmo controle deve ser aplicado ao estoque de remédios que permanecem na aldeia; esses remédios deveriam ser mantidos em lugar inacessível aos índios, que, nesta fase do contato, apreciam "testar" as técnicas terapêuticas dos visitantes e poderiam ingerir remédios perigosos. Aliás, observamos que, no jirau que servia de farmácia, muitas coisas eram franqueados aos índios (mertiolate, pomadas, agulhas, esparadrapos) que se serviam com avidez de todas essas novidades. Por outro lado, a manutenção de remédios entre duas estadias do pessoal da FUNAI apresenta problemas quanto à validade, que deve ser conferida sistematicamente antes da aplicação.

- a distribuição de alimentos prontos (como arroz, feijão, carnes condimentadas ao nosso gosto, bolachas, café com açúcar, etc...) pode se justificar em casos urgentes, de desnutrição aguda (o que não foi verificado), mas pode apresentar consequências a nível da saúde e, inclusive, resultar numa série de problemas no que diz respeito ao teor da relação que os Tupi do Cuminapanema estão construindo com os não-índios. Novamente, vale indagarmos se o reforço alimentar esporádico (limitado aos períodos de visita dos funcionários da FUNAI) vale a pena, quando se sabe que os índios

permanecerão doentes e sem reforço alimentar exógeno durante longos meses.

- finalmente, é importante mencionar o volume do "lixo industrializado" que encontramos nas aldeias, reflexo das visitas anteriores. Latas enferrujadas, garrafas plásticas, pedaços de vidro quebrado, agulhas e embalagens de remédios, etc... compõe um quadro ambíguo. Por um lado, os índios aproveitam, de modo engenhoso, os restos de qualquer um dos nossos objetos "descartáveis", por outro lado, expõe-se ao risco de cortes e infecções para as quais não dispõe de recursos terapêuticos permanentes.

### Da subnutrição à transferência

Os representantes da FUNAI que visitaram a área têm construído algumas propostas de intervenção em torno do tema da saúde, utilizando-se especialmente do aparente estado de "subnutrição" do grupo e da ausência de crianças pequenas.

De acordo com as primeiras observações feitas pela equipe da CII, em maio de 1989, os Tupi do Cuminapanema estavam debilitados fisicamente e alguns "visivelmente subnutridos", situação que os sertanistas atribuíram à localização das aldeias numa área pobre em recursos faunísticos.

Em função dessas observações - que procuramos contextualizar na primeira parte deste relatório - os sertanistas da FUNAI propõem medidas radicais como a transferência gradual dos índios para uma área "mais rica" próxima ao rio Erepecuru.

Essa mudança só se efetivaria através de atos certamente desastrosos, tendo-se em vista as dificuldades e a descontinuidade da assistência promovida pela FUNAI. Além disso, mesmo que os afluentes da margem esquerda do Erepecuru tenham sido tradicionalmente ocupados pelo grupo, sua permanência de longa data na área central (entre os rios Erepecuru e Cuminapanema) corresponde certamente à uma opção justificada em termos adaptativos.

Desde a primeira descrição do reconhecimento realizado em 1975 por técnicos do IDESP, há alguns aspectos reveladores do modo de vida e do tipo de adaptação ecológica desenvolvida pelo grupo. Assim, a equipe do IDESP constatou que as aldeias eram situadas à beira de pequenos igarapés, distantes dos principais rios da região. Na época encontraram, além da primeira aldeia avistada, outras três aldeias, periféricas, cada uma com duas ou três casas e distantes entre si uns três quilômetros. Este tipo de ocupação territorial se mantém até hoje. Significativamente, é semelhante à de outros povos Caribe e Tupi-Guarani da região norte-amazônica, especialmente os Waiãpi do Amapá, cuja principal característica - a nível da organização sócio-política e da ocupação territorial - está na divisão em vários grupos locais. Por outro lado, a preferência por sítios situados em zonas de mata fechada corresponde tanto à padrões de maximização na

exploração dos recursos florestais quanto à concepções cosmológicas que diferenciam nitidamente entre si os espaços da floresta, do rios, das serras, etc...Atribuir a precariedade do estado de saúde dos índios à insuficiência do ecossistema é precoce, sobretudo porque ainda não foi realizado o levantamento completo das atividades de subsistência e do sistema de ocupação territorial deste povo.

Enquanto as agências só conseguem planejar a assistência sob a condição de mudanças - especialmente transferências, envolvendo transformações mais ou menos drásticas no modo de vida do grupo - os Tupi do Cuminapanema continuam se movimentando entre as bases dos brancos e suas aldeias. Ali nenhum tipo de serviço permanente de saúde lhes é oferecido. A condição da sobrevivência seria, necessariamente, o abandono de seu habitat ?

## 5.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao término do relato e das observações realizadas durante nossa primeira estadia na área indígena Cuminapanema, gostaríamos de apresentar algumas sugestões e perspectivas para a continuidade do trabalho na área.

## 1. Retirada da MNTB:

Tendo em vista os objetivos declarados pelos missionários que atuam na área, nosso parecer é de que essa agência de contato deve ser retirada da área. Estudos antropológicos e observações oriundas dos próprios órgãos oficiais de assistência aos índios, em vários países do continente americano, têm repetidamente denunciado os efeitos etnocidas da presença de missões de fé nas áreas indígenas. A própria Coordenadoria de Índios Isolados da FUNAI estabeleceu normas que vetam a presença de missionários entre grupos indígenas que estão iniciando o contato com a sociedade nacional.

A morosidade de uma decisão nesse sentido - que se prolonga há quase um ano - irá favorecer a MNTB que se beneficia de uma infraestrutura já implantada e de seus importantes recursos financeiros e humanos para aprofundar a relação de dependência dos índios em relação à sua presença na área.

Consideramos que, para substituir a missão, é possível construir, com o apoio de várias instituições, um programa de assistência adequado aos interesses dos índios, a curto e longo prazo.

## 2. Programa de atenção permanente à saúde:

Através de contatos já realizados entre a Escola Paulista de Medicina (São Paulo) e o Projeto Saúde-Alegria (Santarém) e a Coordenadoria de Índios Isolados em Brasília, propôs-se a elaboração de um convênio entre a FUNAI e essas entidades profissionais para prestar assistência permanente ao grupo Tupi do Cuminapanema.

A situação de saúde desses índios, preliminarmente descrita no presente relatório, é extremamente preocupante e deverá piorar nos próximos meses, com o período de chuvas, que dificulta os deslocamentos dos índios até a Base da missão. É provável que ocorram, como nos anos anteriores, na mesma época, um grande número de mortes que poderiam ser evitadas com a permanência de agentes de saúde nas aldeias.

De acordo com a proposta de cooperação apresentada pelas duas entidades acima, o Projeto Saúde Alegria se encarregaria de manter um agente especializado de saúde na aldeia principal; esse agente seria apoiado através de contatos radiofônicos com a base do Projeto em Santarém e apoiado pela visita regular de um médico, procedente da base de Santarém. A Escola Paulista de Medicina, com larga experiência de trabalho na área do Xingu,

forneceria a orientação indispensável para a implantação e a continuidade do trabalho de assistência a um grupo de recém contato.

Ambas as instituições se encarregariam de propiciar um registro sistemático da evolução da situação de saúde na área, evitando-se assim intervenções danosas ao futuro do grupo indígena.

### 3. Continuidade da pesquisa antropológica:

Paralelamente à retirada da MNTB e à implantação de um programa permanente de atenção à saúde na área indígena, para o qual várias instituições estariam colaborando com a FUNAI, consideramos de fundamental importância a continuidade da pesquisa antropológica e linguística, cujos resultados interessam não só à um núcleo reduzido de especialistas mas certamente pode contribuir para a melhor adequação das práticas de assistência implantadas na área.

Nesse sentido, sugerimos a elaboração de um programa amplo de pesquisa a ser desenvolvido por especialistas das áreas de antropologia e saúde, que envolva questões prioritárias para a garantia da sobrevivência física e cultural do grupo Tupi do Cuminapanema. Esse programa deverá dar particular atenção ao quadro de ocupação na área, tanto indígena (incluindo o registro da situação dos grupos ainda sem contato na região) como não-indígena, avaliando-se as pressões e eventuais invasões que estejam ocorrendo nos limites da área interdita.

Finalmente, lembramos que nossa proposta de pesquisa visa documentar os interesses e as modalidades do contato inter-cultural, registrando-se as expectativas existentes de ambas as partes. Nossa prioridade é entender as expectativas da comunidade indígena, sobre a qual se sabe, até o momento, muito pouco.

São Paulo, 23 de dezembro de 1989

Dominique Tilkin Gallois

Luís Donisete Benzi Grupioni

## Notas

(1) Nossa estadia na área indígena foi possível graças ao apoio de várias instituições: a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo financiou as passagens de ida e volta entre São Paulo e Santarém e o material para registro fotográfico; o Centro de Trabalho Indigenista providenciou os recursos para o frete de aeronave para sair da área; na ida, acompanhamos os sertanistas da FUNAI que cobriu as despesas com o frete.

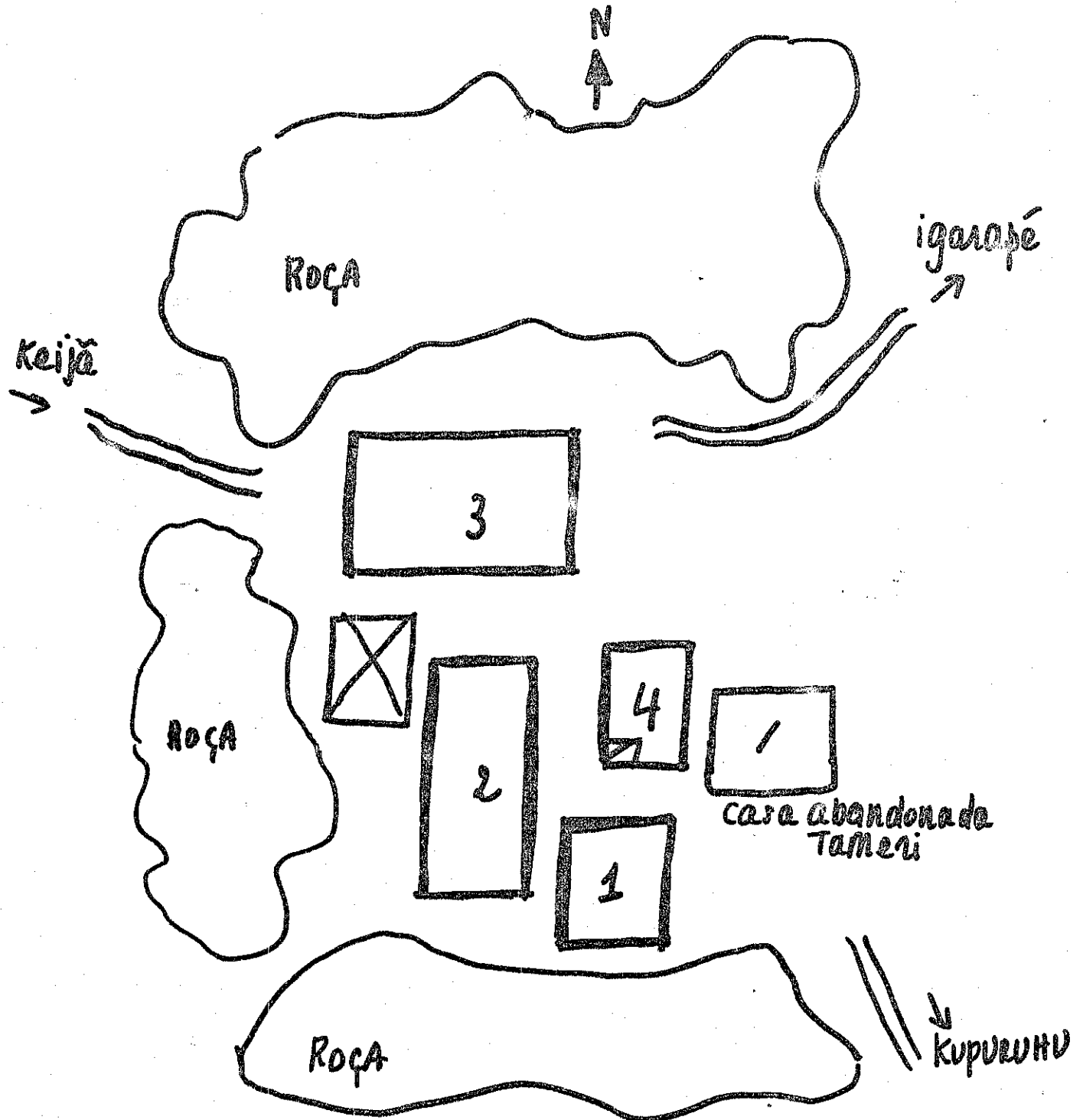
(2) Como indicado no projeto de pesquisa, realizaremos sucessivas estadias na área, a próxima visita estando prevista para o primeiro semestre de 1990.

(3) De acordo com a sugestão do sertanista Sidney Possuelo levamos para os índios alguns "brindes": facas, anzóis, linhas de pesca e linhas de algodão. Parte desses objetos foram trocados com artefatos indígenas. Iniciamos assim a coleta de um pequeno conjunto de peças etnográficas que serão incorporadas ao acervo do Departamento de Antropologia da USP. As peças coletadas até o momento incluem apenas pequenos objetos de uso cotidiano, como adornos labiais, furadores, colheres, cestos e adornos femininos. A longo prazo, a organização de uma coleção etnográfica completa apresenta interesse para o registro das mudanças que estão ocorrendo na tecnologia deste grupo. Citaremos o caso das colheres com concha metálica, adaptadas sobre a haste madeira tradicional; cabe registrar também que, pelo que foi possível observar, os machados de pedra desapareceram, não tendo encontrado sequer um exemplar no levantamento sistemático de objetos que realizamos nas casas de Keijã.

(4) Para ilustrar o estado de prostração em que se encontram os índios quando afetados pelas novas doenças que chegaram à área, citamos um trecho do diário, registrado na aldeia Pirity, por ocasião de nossa volta rumo à Base Esperança, acompanhados por 5 índios, todos doentes, embora menos que aqueles que encontramos na aldeia: "Na casa principal, todos estão deitados, fracos, com febre, tosse forte. Os moradores da outra casa (grupo de Sarakura) não estão doentes e não se aproximam desta casa, talvez por receio de contágio, ou por atitude tradicional de distância entre grupos locais diferenciados. Somente as crianças transitam de uma casa para outra, assim mesmo ficando na beira da casa grande. Naquele dia, uma mulher havia preparado bebida fermentada de açaí (pelo que soube foi preparada tres dias atrás). Somente os visitantes e um menino da casa de Sarakura tomaram. Os demais, doentes, não levantaram, apenas observavam e comentavam. Não havia comida. Pode ser explicado pelo fato de que quando se bebe não se come, mas também pelo fato de que os homens, doentes, não saíram para a mata. Na casa de Sarakura, um homem saiu e voltou sem nada no final da tarde. No dia seguinte, saiu cedo de novo. Será que ele vai alimentar a todos?"

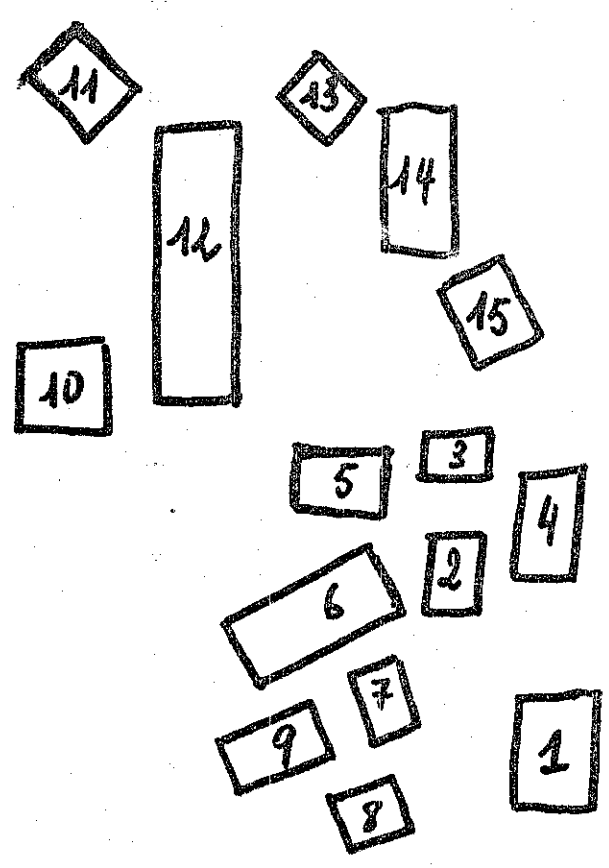
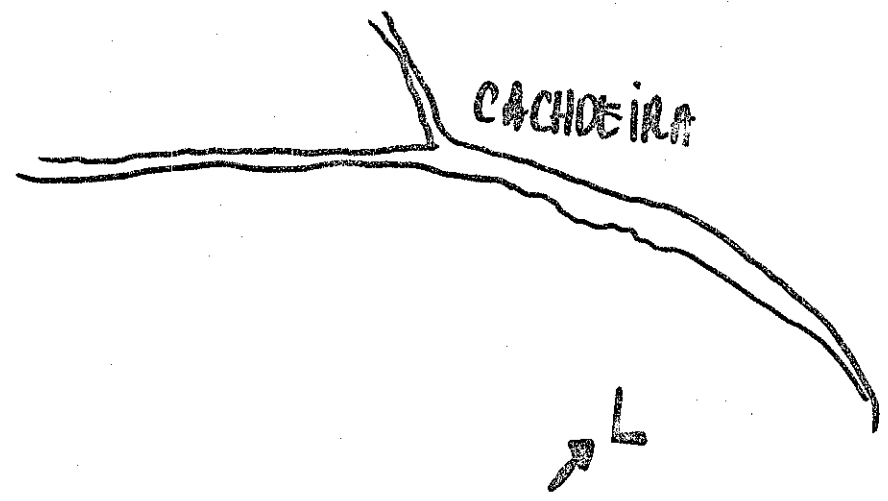
ANEXOS

ALDEIA PIRITY  
10.89

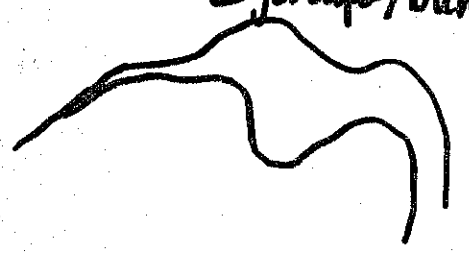




ALDEIA KEIJA  
D. 89



Igarapé/banho



casa 1: FUNAI  
casa 2: MNTB  
casas 3, 4, 10, 11, 13, 14  
= Cozinhas

Arq. # censo 89

Pag. 1

Report # Uminapanema

01/03/90

aldeia	n.c	sexo	nome	idade	pai	mae	conjugue
Rui rupa		m	Boj	23/25	Tikipuá' +	Tato +	Sani
Rui rupa		f	Sani / Jirusi	16/18	Dubehe +	Xeãkwa+	Boj
Rui rupa		m	Ho	12	Dubehe +	Sãri	
Rui rupa		m	Sarara	18	Siwi +	/	/
Rui rupa		f	Sãri	45	/	/	/
Rui Rupa		m	Jito	/	/	Sãri	/
Rui rupa		m	Dabi	26/28	/	/	Jygy'ho
Rui rupa		f	Jygy'ho	55	/	/	Dabi
Rui rupa		m	Towapa	11	Dabi	Jygy'ho	/
Rui rupa		m	Dzarui	30	/	/	Tune
Rui rupa		f	Tune	/	/	/	Dzarui
Rui rupa		f	Tahin	10	Dzarui	Tune	
Rui rupa		m	Jusi	12	Hã	/	/
Rui rupa		m	Tyru	35	/	/	Tanõ
Rui rupa		f	Tanõ	/	/	/	Tyru
Rui rupa		m	Tebepe uhu	12	Tyru *	Tanõ	/

Arq.: censo 89  
9.1

Report: Cuminapanema  
03/90

aldeia	n.c	sexo	nome	idade	pai	mae	conjugue
Piritye	3	m	Sarakura	60	Kasiri+	Busi+	Sahyj/Putere
Piritye	3	f	Putere	50	Mahã+	Pixot+	Sarakura
Piritye	3	f	Sahyj	50	Wadju+	Kusi+	Sarakura
Piritye	3	m	Tapí	15	Sarakura	Putere	/
Piritye	3	f	Tajuhu	10	Sarakura	Sahyj	/
Piritye	3	f	Kabuí	5	Sarakura	Sahyj	/
Piritye	3	m	Kurupa	50	Dybo'e+	Sipe+	Aihu
Piritye	3	f	Aihu	55	Kasiri oho+	Busi+	Kurupa
Piritye	3	m	Toipihe	40/45	Sarakura	Kusi+	Atsui
Piritye	3	f	Atsui	25	Kurupa	Aihu	Toipihe
Piritye	3	f	Poini	10	Toipihe	/+	/
Piritye	1	m	Iwej/Tekerowgho/	25	Apin	Ihak+	Ada
Piritye	1	f	Ada	25	Koasi+	Kuja'i	Iwej
Piritye	1	f	Nakae'o	8	Iwej	Ada	/
Piritye	1	m	Tuã	6	Iwej	Ada	/
Piritye	2	f	Kuja'i	50	Tarã+	Köse+	Tywyj+
Piritye	2	m	Sijuhu	25	Biri	Kuja'i	Keawe
Piritye	2	f	Keawe	45	Dubehe+	Pahã+	Sijuhu
Piritye	2	m	Ag	16	Roputu	Keawe	/
Piritye	2	m	Biri	40	Tamesi+	Sarakwa+	Hurupy/Kar
Piritye	2	f	Hurupy	30	Tywyj	Kuja'i	Biri
Piritye	2	f	Bikudeo	7	Biri	Hurupy	/
Piritye	2	f	Kanã	22	Siwi+	Kedzahu+	Biri
Piritye	2	m	Dua	4	Biri	Kanã	/
Piritye	2	m	Sira'gr	4	Tui+	Kuja'i	/
Piritye	2	f	Tehe	40	Tusã+	Kanã+	(Dzato)
Piritye	2	f	Serõ	4	Kapusi	Tehe	/
Piritye	2	m	Sijõ	20	Kuru+	Sisi	(Takitu/Pa
Piritye	4	f	Bohe	12	Kiwi+	Kidzahu	Sijuhu

Arq.: censo 89

Pag. 1

Report #: Cumínapanema

01/03/98

aldeia	n.c	sexo	nome	idade	pai	mae	conjugue
Keijã	5	m	Kira'u/Jirusihu	35	Towahun/Tirob	Tiruhu	Pahihu
Keijã	5	f	Pahihu/Kuja'hu	35	/	/	Kita'u
Keijã	5	f	Ju'i	17	Kitahy	Pahihu	Kita'u
Keijã	5	m	Puku	7	Kita'u	Pahihu	/
Keijã	5	m	Hai	5	Kita'u	Pahihu	/
Keijã	6n	m	Tameri	80	Tsihe+	Badaj+	Tywa/Tuhu
Keijã	6n	f	Tywa	60	Áwa'e+	Ebaj+	Tameri
Keijã	6n	f	Tuhu	50	Teikwe'e/Rãsi	Tiruhu	Tameri
Keijã	6n	f	Saby	18	Tameri	Tywa	/
Keijã	6n	m	Xu	15	Tameri	Tuhu	/
Keijã	6n	m	Roto	10/12	Tameri	Ehe	/
Keijã	6n	m	Namihu	25	Tameri	Tuhu	Müsü
Keijã	6n	f/ges	Müsü	20	Tube+	Nirã+	Namihu
Keijã	6s	m	Keapu	35	Wa'e+	Dzahu'o+	Ihu'i
Keijã	6s	f	Ihu'i	35	Terã+	Sirakwa+	Keapu
Keijã	6s	f	Terã/Terei	18	Poroakui/Kasi	Tere	Keapu
Keijã	6s	f	Kuri/Kujãpuku	8	/+	Ihu'i	/
Keijã	6s	m	Toke/Tokihu	5	Keapu	Ihu'i	/
Keijã	6s	f	Warasi	2	Keapu	Ihu'i	/
Keijã	6s	f	Tiruhu	80	Árasiã+	Tari+	Kuru+
Keijã	7	f	Kusihe	40	Rowa	Ihun	/
Keijã	7	m	Seri	18	Dzato	Kusihe	/
Keijã	7	m	Nomih	8	Dzato	Kusihe	/
Keijã	7	m	Ápom	3	Dzato	Kusihe	/
Keijã	7	f	Kuruta'i	12	Kupusi	Tehe	/
Keijã	8	m	Hai	22	Tawari+	Tehe	Ehe
Keijã	8	f	Ehe	25	Tameri	Tywai	Hai
Keijã	8	m	Resej	7	Wadju	Ehe	/
Keijã	8	f	Tahi	2	Hai	Ehe	/
Keijã	9	m	Dzato	35	Tameri	Tywa	Turehe
Keijã	9	f	Turehe	25	Kurupa'i	Aihu	Dzato
Keijã	9	m	Sinuhu	16	Toduhu	Si'u	Dzapo
Keijã	9	f	Dzapo	40	Dubuhu+	Ijun+	Sinuhu
Keijã	9	m	Xan	12	Dzato	Dzapo	/
Keijã	9	m	Xuni	9	Dzato	Dzapo	/
Keijã	9	m	Kasi	7	Dzato	Dzapo	/
Keijã	9	m	Xua	6	Dzato	Dzapo	/
Keijã	10	m	Ápin	45	/	/	/
Keijã	10	m	Tihanuhu	35	Sarakura	Pixa+	Taná
Keijã	10	f	Taná	40	Tarã+	Kase	Tihanuhu
Keijã	10	m	Dubutupã	5	Tihanuhu	Taná	/
Keijã	10	m	Wadju	25	Tawatouhu+	Siranã/Pym+	Tasi
Keijã	10	f	Tasi	19	Tihanuhu	Taná	Wadju
Keijã	10	f	Kujãpea		Wadju	Ehe	/
Keijã	11	m	Kirata	45	Tikiesã+	I'hun+	Ije'e
Keijã	11	f	Ije'e	45	Tameri	Tywa	Kirata
Keijã	11	m	Wara	16	Kirata	I'ã	Kuja'i
Keijã	11	f	Kujã'i	20	Tube+	Ywire+	Wara

Arq.: censo 09

Pag. 2

Report #: Cuminaapanema

01/03/90

aldeia	n.c	sexo	nome	idade	pai	mae	conjugue
Keijã	11	m	Ajã	2	Wara	Kujã'i	/
Keijã	12	m	Taku'ã	60	Taipauhu+	Sijã+	Bodaj
Keijã	12	f	Bodaj	50	Taipauhu+	Dzawaruhu+	Taku'ã
Keijã	12	f	Owaj	17	Taipyuhu+	Bodaj	Taku'ã
Keijã	12	m	Kuru'i		Taku'ã	Bodaj	/
Keijã	12	m	Sikwe	20/2	Dzawaru+	Nirã+	Muru'ihu
Keijã	12	f	Muru'ihu/Kujãhu	19	Sarakura	Sahu	Sikwe
Keijã	12	m	Boidja	7	Sikwe	Muru'ihu	/
Keijã	12	m	Iwej	4	Sikwe	Muru'ihu	/
Keijã	15	m	Tarawit		Djire+	Sowaj+	Dig
Keijã	15	m	Araputu	30	Tameri	Djarara	Dig -
Keijã	15	f	Dig	35	/	/	Tarawit/Arap
Keijã	15	f	Takitu	15	Tarawit	Dig	/
Keijã	15	f	Wo'i	10	Tarawit	Dig	/
Keijã	15	f	Kururuhu	2	Araputu	Dig	/
Keijã	15	f	Djarara	60	/	/	Tariri+
Keijã	15	m	Murahu'i/Irehu'i	17	Tarawit	Dig	Dzawarehe
Keijã	15	f	Dzawarehe/Ainu	15	Tyruu	Asu'i	Murahu'i

VOCABULARIO TUPI DO CUMINAPANEMA

Saudações

awa pene = quem é você // Ho e-he-ji = Ho é meu nome  
a-a raneje = estou indo // ere = você (vá!)

Classificações humanas

kube'e = homem  
kujã = mulher

dade = nós  
-pe- = vocês  
de he a'õ (<dzaji a'õ>) = termo de relação genérica entre mulheres  
tapui jet = dono da casa  
apam / tapa'hã = inimigo

Termos de parentesco

-ru = pai  
-hu = mãe  
-paiwat = marido  
-rerekwat = esposa  
-ra'it (<ra'ir>) = filho (homem falando)  
-rajit (<rajir>) = filha (homem falando)  
-bebut = filho / filha (mulher falando)  
-renir = irmã  
kwani = sobrinho, as vezes usado para indicar o próprio filho

Números e quantidade

pehim = um  
kwainte = dois  
nirõj = três  
rekwata / kure = muito  
dikwie = muitos, numerosos  
puhui = pesado  
uhu = grande

Tempo

kwe (<kwe'he>) = há muito tempo (passado próximo)  
kuriri = há muito tempo (passado longínquo)  
obs: Tembê: kuri = agora  
karamõ = indica distância no tempo, futuro ou passado

nowe = de novo (a'e nowe = a mesma coisa, idêntico)  
 tenô = somente  
 kue'ne = não faz muito tempo (?)  
 bewe = devagar

### Direção

irupire akã = cabeceira  
 imua kite = para baixo (rio)  
 rapu kite = para cima  
 -rowai = do outro lado  
 kebe = ali  
 kyry = para lá  
 boite / kire = longe  
 bi = onde ?

### Topografia e ambiente

kee = floresta (ke'e etc)  
 wira'i = árvore  
 itc = pedra

takuruhu = helicoptero  
 sadi riru = avião

### Componentes do corpo

-rebe = lábios  
 -akã = cabeça  
 -po = mão  
 -py = pé  
 -tã'i ra'ha = pelos púbicos  
 -juvãnyr ra'ha = pelos axilas  
 -kerahe / akã ra'ha = cabelo  
 -retumã / -tymã = serna  
 -jiwe = braco  
 -si = nariz  
 -nami = orelha  
 -rehe / -reha = olho  
 -juru = boca  
 -ra'hã'i = dente  
 -kuse = costa  
 -rikie = traseiro  
 -puã = dedo da mão  
 -poã = dedo do pé  
 -sape = unha  
 -rehe rahã = cílios e sombrancelhas  
 -keve = osso, ossatura  
 mimi / -pisihe = seio

-poruhã / -puã = umbigo  
beahu = barba  
tuwaj = pênis

#### Aldeia e atividades domésticas

pori = habitação  
tahui = casa de habitação  
kerata tapiri = casa de cozinha  
kerata = coxo para ralar mandioca  
u'i pykui tapui = casa de farinha  
ty = lixo, resto, sujeira, morve  
tata = fogo  
dzape'e = lenha

#### Matérias-primas e artefatos

##### Adornos e vestimenta:

dybo = linha de algodão, roupa, pano  
kumuhé = tiara feminina  
kunanã kumuha = tiara feminina em kunanã  
pa ra'hãi = dente de paca para limpar o poturu  
pa hyr = colar de concha (sôwe)  
hã'si = penugem  
uhut = resina para colar penugem (e outros elementos)  
pa'yr = colar (kuja pa'hot = colar feminino)  
sowe = concha (sowe pa'hyt = colar de concha)  
kiwa = pente  
noa resake = espelho  
xobo'u aza'at = tomei banho com entrecasca (xobo'u)  
sibo'y, kobo'u = entrecasca para banho  
dazapo = sabão  
ruwai = estojo peniano

##### Artefatos domésticos:

ki'he = rede  
pyke = assento, esteira para sentar  
ná piry = entrecasca de castanheira, esteira para sentar (kuja  
apy = assento para mulher)  
tuwije = vassoura (resto de cacho de açaí ou bacaba)  
pixa = colher (pixo hu = concha)  
kwata ke = colher / concha de crânio de macaco coatá  
ihara = recipiente  
capimã (tapimã rahit) = panela de cerâmica  
kui = cuia  
pehe = forno  
ji'e = fuso  
piri txoro = mão de pilão  
si'bo'i tyto = batedor para entrecasca  
kyry'e = ralador (com diversas matérias-primas e usos)



**Trançados:**

pehiry = cesto de carga  
 tapekwa = abano  
 patua = cesto com tampa em arumã  
 urupe = peneira  
 tupihu = recipiente trançado com diversos formatos

**Utensílios tradicionais e ferramentas:**

bok <boke> = arma, artefatos com lâminas metálicas  
 kutá'i = goivo  
 kusi rá'hai = furador, com dente de cotia

ji = machado  
 jipuku = terçado  
 jisupe = enxada  
 ji deá'pat = foice  
 takihe = faca e facão  
 jikirihe = lima  
 kirisipide = anzol pequeno  
 pide = anzol

**Alimentação**

-emiõ = comida  
 txary <o seary> = massa de mandioca fermentando  
 tapiok = tapioca  
 piraty = massa de mandioca ralada  
 sepy = bebida fermentada  
 -muke'he = moquear

**Plantas cultivadas**

pitum = tabaco  
 dehok / badehok = mandioca  
 kurawa = curupá  
 riru = cabaca (recipiente para água)  
 diju = algodão  
 parakearu =  
 nanã <nanã'i> = abacaxi  
 jity = batata doce  
 kã'ãj = pimenta  
 uruku = urucu  
 nã hui = mamão  
 kere = cará  
 pako = banana  
 wiwa = cana de flecha

### Plantas e matérias-primas coletadas

nã = castanha  
 sehi = açaí  
 iedzahut = inajá (dzeaza kutapot = casca inajá)  
 sakuri = palha preta para cobertura de tapiris  
 uwi = ubim (uwi waha)  
 ru = arumã (ruwy)  
 dadypa = jenipapo  
 symo = cipó  
 patawa = bacaba

### Raízes verbais

-kua = saber, entender, conhecer  
 -pujuk = fazer, trabalhar  
 -wujy = descer  
 -japisi = brigar  
 -mobu = furar  
 -su'u = morder  
 -mõã = trançar  
 -juka = matar  
 -kusiwet = escrever (ere kusiwet = escreva!)  
 -ara = nascer (a a'ara = eu nasci, o'ara = ele nasceu, ne ara =  
 você nasceu); ou: o-hem = ele nasceu (ele veio)  
 -beo = dar, mostrar (u-be'o = ele deu)  
 -sek = ver  
 -dzahake = lavar, esfregar

### Sentimentos e valores

-dzahake = tristeza  
 -rory = alegria  
 -jao = choro  
 keto = bonito, bom  
 -maraj = brincar  
 sorowe = "fome" (= furado)  
 kanã = pagamento - neg# nomokanãi (nomokanari)

### Pessoa, doença e cura

kiruwartojuke = morto por agressão xamanística (kiruwa)  
 wu = sangue  
 ahu = doi  
 tanõ = tosse (tanõjuka = morto por tosse, gripe)  
 jakuãkuã = eu estou resguardando  
 a'ã = princípio vital  
 aywe ra'ã = espectro do morto

### Elementos de cosmografia

Bahira = herói cultural  
dade-jet = nosso dono  
dade-ramoj = nossos antigos, ancestrais  
ke'e-jet = dono da floresta  
taywet-rupa = aldeia dos mortos  
dzaty = céu  
dza'y = lua  
dza'y tãta = estrela  
kera'y (kura'i) = sol

### Música

diget / dijera'i = canto / ijire ne = é só canto  
ere jige = cante! / e-jire ne = é meu canto  
jige ramo = canto dos antigos  
ae tanã = terminei (final do canto)  
gwire'i = bastão de ritmo  
(flautas confeccionadas com takwarusu e takwari)  
ture = flauta com palheta

### Animais

-ribe = xerimbabo  
dadu = aranha (dadu kihe = teia de aranha)  
pire = peixe  
traicu / pira uhu = traira / trairão  
kiki = macaco guariba  
kwera'i jet = cigarra (dono do sol)  
takitu = taitetu  
tukuruhu = cupinzeiro  
taraku'a = formiga taracua  
arat = arara  
kusiri = cotia  
kururu = cururu

17.12.99